

MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA — MODELOS, PERCURSOS E INTERROGAÇÕES

Clara Camacho

O tema proposto como pretexto inicial de reflexão neste encontro - "Modelos museológicos em realidades locais" — é por si só despoletador de um primeiro comentário. Isto porque a ideia de que "em museologia não há receitas" é repetidas vezes acentuada no pensamento museológico contemporâneo. Hugues de Varine — talvez o museólogo mais avesso à expressão 'modelo museológico' — expressa esta atitude em diversas ocasiões, tanto quando critica o seguidismo posterior à experiência do ecomuseu de Le Creusot, como em diferentes textos de ordem reflexiva de que respigámos este extracto de *L'initiative Communautaire*: "Não se trata com efeito de dar um modelo para cada museu, mas estabelecer uma metodologia que permita repensar cada museu em função das condições particulares."

É nesta perspectiva — de enunciação de princípios, de apresentação de metodologias, de colocação de algumas interrogações que aceitámos o repto e trazemos a este encontro a experiência de percurso do Museu Municipal de Vila Franca de Xira (MMVFX) numa fase em que esta instituição se encontra em mudança. Mudança de instalações, reequacionamento de programa, levantamento de interrogações .

Dividiremos a nossa exposição em etapas cronológicas, correspondendo cada uma ao modelo museológico adoptado, desde a criação do MMVFX em 1951 até ao momento presente.

1ª fase — 1951-80

Modelo biblioteca-museu

Um advogado vil afranquense promove a fundação em 1947 de uma biblioteca e, 4 anos depois, do museu, em instalações anexas. A instituição biblioteca-museu torna-se durante cerca de 20 anos no único pólo cultural permanente de Vila Franca.

O tom personalizado caracteriza fortemente a área museológica: heterogeneidade de colecções, confusão entre as colecções pessoais do

fundador do museu e as colecções públicas, inexistência de técnicos e de qualquer tipo de pessoal — à excepção de uma funcionária na biblioteca e de um guarda no museu —, levam a que todas as actividades se centrem no trabalho voluntário do fundador do museu e do secretário da Câmara, seu aliado neste projecto. Realizando em média 2 conferências e 2 exposições anualmente, não se pode dizer que o Museu estivesse inactivo. Dirigidas maioritariamente às elites culturais e sociais locais iniciativas houve, porém, em que o museu colaborou com sectores do associativismo local, que nos anos 60 estava fortemente conotado com a oposição ao regime.

Em 1971, falecido o fundador do museu, este entra num período de inactividade e decadência que se prolongou durante 10 anos. Cessam por completo as actividades, a exposição permanente degrada-se e, no final da década de 70, a instituição de museu só tinha o nome: não conservava, não estudava e não divulgava.

2ª fase — 1980-83

Ruptura

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (CMVFX) decide fechar as salas do museus para aí instalar o recém-criado Departamento de Acção Cultural da autarquia. Significativamente em Vila Franca a população não reage a este facto, sinal da invisibilidade que tinha o museu na comunidade local.

3ª fase — 1983-85

Experiências para-museológicas no território

Com o museu encerrado, inicia-se a partir do Departamento de Cultura da Câmara a organização técnica do que viria a ser anos mais tarde a Divisão de Museus.

A opção de trabalho, aparentemente mais imediata, seria centrar o olhar nas colecções do museu, reorganizar o seu inventário e estudá-las. Uma rápida constatação sobre a sua heterogeneidade e a preocupação primeira com as pessoas leva a que o trabalho se oriente antes para o terreno.

A avaliação do perfil demográfico da população do concelho conduz à adopção de medidas que contrariem a descaracterização e o desenraizamento. Define-se a investigação sobre a história e o património locais como a prioridade de intervenção cultural no concelho.

Faz-se pesquisa e recolha documental e inicia-se o inventário do património arqueológico do concelho e do património construído das suas zonas rurais. Estas acções de carácter científico e técnico são acompanhadas de um plano de divulgação, contacto e sensibilização da população local que implicou dezenas de reuniões e colóquios em juntas de freguesia, escolas e associações, de modo a cobrir um amplo leque de municípios.

Esta fase-em que o museu estava formalmente encerrado e em que eram despoletadas as acções de investigação e divulgação atrás referidas-foi grandemente influenciada pela ideia de animação cultural que então (início dos anos 80) se institucionalizava em diversas autarquias do país, nomeadamente com a criação de serviços chamados de "animação cultural" e em que o conceito de implicação da população na criação e fruição culturais se entrecruzava nitidamente com as ideias de apropriação pela população da sua própria história e património, tão caras à Nova Museologia. Por outro lado, experiências pessoais de membros da equipa no campo do associativismo de defesa do património foram também determinantes para a opção de encaminhar o trabalho para o território do concelho.

4ª fase — 1986-94

O modelo-polinucleado ou Lutando contra as adversidades

Nos finais de 1985, e tendo a autarquia disponibilizado 2 salas de exposição em Vila Franca de Xira reabre ao público formalmente o MMVFX. Nessa ocasião exprime-se pela primeira vez a intenção de caminhar para um projecto de museu poli-nucleado. Importa enunciar as razões que justificaram então esta tomada de posição:

—A 1ª razão foi fundamentada em factores de ordem pragmática. O espaço disponibilizado para o museu em Vila Franca de Xira era muito exíguo, não permitindo nem o desenvolvimento de actividades educativas nem de projectos de exposições temporárias. Necessitava-se, por isso, de outros espaços para o crescimento do museu, não se vislumbrando que na sede do concelho fossem disponibilizados, o que o tempo veio a confirmar.

—A 2ª razão derivava do conhecimento da realidade urbana e demográfica do concelho. Os cerca de 100.000 habitantes distribuíam-se por vários aglomerados de dimensão razoável, ao invés de se concentrarem numa sede concelhia que se sobrepusesse aos restantes. Sob o ponto de vista quantitativo, Alverca superara mesmo já Vila Franca em população residente. Responder a esta realidade implicava, da parte museológica, o estabelecimento de vários núcleos ou pólos, dinamizadores de iniciativas culturais e patrimoniais.

—Finalmente a 3ª razão radica em factores intrínsecos à reflexão museológica. Quando a equipa se encontrava em plena acção no território do concelho, desenvolvendo as experiências que atrás apelidamos de para-museológicas, participamos no 2º atelier Internacional de Nova Museologia em Lisboa que deu origem ao MINOM. A ideia do museu como o conjunto da tríade território-património-população ia de tal modo ao encontro dos processos que vínhamos intuitiva e isoladamente desenvolvendo, que a confrontação com outras experiências similares em Portugal e no estrangeiro e o aprofundamento teórico das questões museológicas em meio local passou a ser uma atitude constante no nosso trabalho.

Refira-se que nessa ocasião — finais de 1985 — e reflectindo a equipa técnica sobre os vários modelos museológicos resultantes das experiências levadas a cabo desde os anos 70 em diversos pontos do mundo — ecomuseus, museus de vizinhança, museus comunitários - - tomou-se a decisão de valorizar em exclusivo a ideia de Museu, mantendo a designação "Museu Municipal" sem mais alterações.

Em 1990 abre portas o 2º núcleo museológico do concelho, na antiga casa da Câmara de Alverca e largo do pelourinho, após um processo dinamizado pela junta de freguesia, jornal local, grupos de idosos e jovens. A partir desta data, a intervenção museológica no concelho toma como pontos de referência as exposições permanentes de Vila Franca e Alverca, em complementaridade com o património concelhio. Adquirido e restaurado a expensas da autarquia, um barco varino vem juntar-se no final dos anos 80 ao programa museológico municipal.

Parecia, no entanto, que, no que respeita a instalações, estava o MMVFX fadado para trabalhar na adversidade. Em Alverca o núcleo museológico abre ao público com adaptação do 1º andar do edifício a sala de exposição permanente e promessa de posterior adaptação do rés-dochão a exposições temporárias e actividades educativas. 4 anos passados, continua o espaço disponível a reduzir-se a um único piso, tardando as obras de adaptação do rés-do-chão. Em Vila Franca reparte-se as instalações com o Departamento de Cultura da Câmara, sem espaço para actividades educativas ou outras e sem salas de exposições de dimensão razoável. Nestas circunstâncias optou-se por programas que se pudessem desenvolver tendo por pano de fundo estas contrariedades.

— À falta de espaços para exposições temporárias contrapusemos, com carácter regular a partir de 1988, e esporadicamente já em anos anteriores, a organização da exposição anual das festas do Colete Encarnado, em espaço emprestado para o efeito pela Companhia das Lezírias. Fazendo desta exposição a principal iniciativa anual do museu, em termos de investigação e divulgação, tem-se vindo a abordar um conjunto de temas que têm a ver com a identidade local, e em colaboração com diversos sectores da comunidade. Exemplos: Profissões da festa — o trabalho e a tauromaquia; Trabalhar a terra — mecanização e agricultura; Festas, romarias e arraiais; Histórias do Tejo.

—À falta de espaços para actividades educativas no museu contrapusemos, em 1991, o programa "O museu oferece" que congrega a oferta educativa do museus em grande medida ocorrida fora dos núcleos museológicos: visitas ao património do concelho organizadas em roteiros, cursos de formação para professores, acções de animação, maletas pedagógicas, cedência de diapositivos, exposições itinerantes.

—À exiguidade do corpo técnico do Museu contrapusemos os protocolos de colaboração com instituições vocacionadas para a investigação.

— decorrem actualmente no território do concelho os projectos 'Inventário do património industrial' com a APAI e 'Inventário do património medieval' com a Faculdade de Letras de Lisboa. O trabalho por projecto, o recurso a equipas pluridisciplinares exteriores aos quadros do Museu e o trabalho voluntário têm sido outras das opções tomadas.

A acompanhar todos estes programas a divulgação escrita através de publicações do museu que actualmente tem 3 linhas editoriais: Boletim Cultural (5 números publicados); Colecção património Local (3 volumes publicados) e Catálogos das exposições anuais.

Em resumo: a análise do percurso do Museu Municipal dos anos oitenta à actualidade faz ressaltar a desproporção entre a actividade museológica desenvolvida — da investigação à divulgação —, face aos espaços museológicos existentes. Abundante a primeira, escassos e exíguos os segundos .

Esta situação, aliada à concepção de museu como uma entidade actuante no território do concelho, teve como consequências mais positivas a exploração *in situ* do património, através de roteiros, e a actuação directa em escolas e associações, propiciando enormes ganhos em conhecimento e em contacto directo e constante com o tecido socioeducativo. No entanto, e no que toca à vertente mais negativa da questão, as crescentes exigências dos utentes e a

inexistência de espaços adequados à prática museológica permanente (exposição, conservação), conduziram também a situações de desmotivação e crítica por parte dos públicos e populações envolvidas. Verifica-se sintomaticamente que a ideia de museu no concelho de Vila Franca de Xira é maioritariamente identificada com um serviço — que promove investigação, que publica livros, que faz exposições, que colabora com as escolas — do que com os espaços-museu correspondentes aos núcleos museológicos.

É neste contexto que surge a recente aquisição pela CMVFX da Quinta e Palácio do Sobralinho e a definição pela autarquia da vocação de museu para este novo equipamento. A reequação do plano museológico municipal em função deste factos surge como a saída para a situação descrita e como o projecto passível de congregar a experiência passada de intervenção museológica e patrimonial na área do concelho com novos programas de intervenção mais lata.

Estando actualmente em fase de conclusão a elaboração do programa para o núcleo-sede do Museu a instalar na quinta e Palácio do Sobralinho, pode já dizer-se que a sua concepção assentou nos seguintes princípios de base:

1º- O Museu Municipal de Vila Franca de Xira subscreve uma filosofia de intervenção activa no território do concelho, na perspectiva patrimonial. A instalação do núcleo-sede do Museu no Palácio e Quinta do Sobralinho deve contribuir para melhorar os serviços prestados à população do conselho e para produzir intercâmbios frutuoso entre a acção patrimonial na área do concelho e a acção museológica no espaço da Quinta /Museu. Por outras palavras: o novo projecto não deve nunca conduzir a uma situação de fechamento no espaço museológico estrito mas propiciar melhor intervenção no espaço do concelho.

2º- O Palácio do Sobralinho deve ser progressivamente adaptado à função-museu, em detrimento da continuação da função-palácio. Explicitando: mais do que uma casa vista como receptáculo

passivo de objectos de alto valor estético e social, o Palácio deve transformar-se num centro de serviços e de actividades.

3º- A elevada valorização económica da Quinta e as características estruturais e artísticas do património edificado levam à necessidade de conjugar usos e funções que extravasam o domínio museológico. Encara-se a importância do património edificado e paisagístico da Quinta do Sobralinho como passível de atrair utentes exteriores ao concelho, nomeadamente da área metropolitana de Lisboa e turismo cultural e natural .

Encaradas como um centro de serviços e de actividades, as novas instalações permitirão um funcionamento por projectos que congregarão em torno de um tema/problema um conjunto multidisciplinar de intervenções .

Mantendo o modelo poli-nucleado e defendendo a sua continuação para o futuro, é a seguinte a actual proposta de implantação de núcleos museológicos no concelho de Vila Franca de Xira:

Núcleo-sede

Quinta e Palácio do Sobralinho — em instalação

Núcleo museológico de Alverca

Antiga casa da Câmara e largo do pelourinho — em funcionamento

Barco Varino

Cais de Vila Franca de Xira — em funcionamento

Núcleo de fotografia

Actual sala do Museu em Vila Franca de Xira — a instalar

Núcleo tauromáquico

Casa de Mário Coelho em Vila Franca de Xira — projecto em curso

Roteiro das tertúlias — a implementar

Núcleos do património industrial

Antiga fábrica - a adquirir (em proposta)

Moinho de vento — a adquirir (em proposta)

Este projecto visa pôr em evidência os traços mais relevantes da identidade local e corresponde tanto à expressão de programas de investigação em curso (caso do inventário do património industrial vs proposta de aquisição de antiga fábrica) como a iniciativas da comunidade (caso do núcleo tauromáquico).

No caso do MMVFX mais do que um modelo tem sido um conjunto de princípios e metodologias que têm orientado a acção. Destacamos:

—O primado à inter-acção museu-património. A este respeito é sintomático que todo o processo se tenha iniciado com o inventário do património arqueológico e construído e que 10 anos passados seja o inventário do património industrial o despoletador de futuros projectos nesta área. Também este princípio levou à constituição formal em 1992 da Divisão de Museus, Património e Arquivo Histórico da Câmara Municipal, a qual permite a articulação concertada destes sectores.

—A adaptação tanto às necessidades da comunidade como aos meios de resposta. Este factor que penso ter ficado bem expresso na caracterização da fase "Lutando contra as adversidades" dá muitas vezes origem a alterações e flexibilização dos projectos, tantas vezes reconstruídos e refeitos.

—A concepção do museu como centro de serviços. Tal como atrás referimos só esta concepção permitiu agir, ter actividade "fora de portas" e ultrapassar o inevitável muro de lamentações que o clássico problema "falta de instalações e de meios" sempre provoca. Na área educativa a colaboração entre o museu e a escola, encaradas ambas as instalações como centros de serviços, é talvez o domínio onde mais se tem expressado esta concepção.

—Finalmente a abordagem pluridisciplinar. Intervir sobre as memórias e contribuir para o reconhecimento da identidade local implica a contribuição de diferentes ramos do saber que o espantilho

da unidisciplinaridade muitas vezes obstaculiza. A aproximação aos temas dos projectos que têm sido desenvolvidos, ou em curso, carrega cada vez mais inexoravelmente este carácter multifacetado e interdisciplinar.